

Ainda sobre o Rog rio Durst

Description

Na última semana e durante um bom tempo ainda, imagino, meu único assunto tem sido e será o Rog rio Durst. E a razão   simples. Quando perdemos alguma pessoa por quem temos grande estima, ficamos com vontade de conversar sobre ela o dia inteiro, o tempo todo. Aconteceu quando perdi minha primeira mulher, Elizabeth Wester, com quem havia convivido e compartilhado uma experiência de 25 anos de vida. Na época, me lembro que eu andava por tudo quanto   canto procurando, mendigando, a atenção de alguém com quem pudesse relembrar alguma coisa sobre aquela criatura querida que havia desaparecido de repente de minha existência. O pior é que para a maioria das pessoas, esse sentimento não fazia o menor sentido. Houve aqueles que chegaram mesmo ao extremo, e falo de pessoas que conheceram bem minha primeira mulher, de nem sequer dizer alguma coisa. Nem telefonaram. E quando liguei para informar, a sensação que tive foi a de que as estivesse mesmo importunando com aquela notícia/lembrança desagradável. Outras foram amigas ao extremo e me ajudaram com a maior atenção no meu período de luto, sou muito grato a elas.

Nessa época vivi uma epifania na rua que me fez imaginar que o S rgio Buarque de Hollanda talvez estivesse de todo errado e vendo fantasmas quando reconheceu e quis menosprezar a chance de, até mesmo perdido na multidão, podermos encontrar um homem desitenressadamente cordial. A cena aconteceu na fila de uma empresa de telefonia móvel. Estava eu cumprindo mais uma das dolorosas atribuições que surgem nesses momentos, a de ter de encerrar todas as contas que ficaram, quando me vi em uma loja de celulares entupida de gente. Constrangido de ter de contar a minha história mais uma vez, informei de qualquer jeito   atendente tudo o que se tratava. Um senhor, atrás de mim, ouviu nossa conversa e, ainda que fôssemos dois estranhos, me cumprimentou de maneira sincera e externou de forma sentida os seus pesares. Fiquei profundamente tocado com essa inesperada manifestação e sa  dali acreditando que talvez ainda haja salvação para a raça humana.

Volto ao Durst. Vim a conhecê-lo em 1985, 1986, na reda  o da Revista de música   Roll  . j  então em uma casa na rua Paulo de Frontin, no Rio Comprido, depois de a revista ter passado por salas em um pr dio comercial na Marechal Floriano, no centro. O Rog rio apareceu por l  trazido pelo Luiz Carlos Mansur, com quem eu tinha uma conviv ncia muito próxima naquela época pois já estávamos há mais de um ano frequentando a reda  o. Me divertia a valer com o Mansur e não seria diferente com o Durst e ainda com o Leonardo Pimentel. Era um grande prazer, uma alegria trabalhar naquela espelunca. Aliás, as conversas na reda  o ou na rua ficaram sempre como as melhores coisas do período de militância no jornalismo. Depois disso o Mansur e o Durst foram para o Jornal do Brasil e o Tom Leão e eu, para O Globo. Voltei então a encontrar com frequ ncia com o Durst correndo as salas de exposição e eventos de divulgação para dar conta de pautas que iriam ajudar a encher os cadernos de cultura do fim de semana.

Ainda que tenha escrito eventualmente sobre música, a praia do Rog rio Durst foi sempre a sétima arte como bem destacou a Cora R nai. Era um apaixonado por todo tipo de cinema, dos

filmes udigrudi Ã s megaproduÃ§Ãµes, dos clÃssicos aos filmes trash, das comÃdias bobas de Hollywood Ã s chanchadas da AtlÃntida, bem como espectador, com muito gosto, de toda a variedade do cinema brasileiro e, como contou um amigo, tambÃm dos enlatados de TV. Ã? verdade que nÃ£o era benevolente com nada e nem com ninguÃm. Perdia o amigo, mas nÃ£o perdia a piada. Em hipÃtese alguma. Fez uma carreira brilhante escrevendo as melhores resenhas de filme dos jornalistas de sua geraÃÃo. Capaz de se equiparar aos maiores nomes de toda a crÃtica brasileira (Alex Viany, Paulo EmÃlio Salles, Ely Azeredo, SÃrgio Augusto, Ruy Castro, JosÃ Carlos Avelar, Susana Schild). Tinha uma escrita de graÃsa Ãnica.

Quando o Jornal do Brasil, que era entÃo no Rio de Janeiro objeto de culto com seu imponente prÃdio no nÃmero 500 da Avenida Brasil, deu inÃcio ao seu processo de falÃncia, comeÃsou a migraÃÃo de todo o corpo de jornalistas do JB para O Globo. Um dia cheguei Ã redaÃÃo e quem estava por lÃ sentado em frente a um terminal? RogÃrio Durst. Tinha vindo para cuidar do Caderno de InformÃtica convidado por Cora RÃnai. Editores e chefes de reportagem do caderno de cultura logo perceberam as qualidades de seu texto, mas o jornal jÃ estava bem servido de crÃticos cinematogrÃficos. Foi sÃ com a aposentadoria de Paulo PerdigÃo, que ele veio a assumir a seÃÃo dedicada Ã s sinopses dos filmes da TV, o que tinha feito no JB. De O Globo, foi brilhar na seÃÃo de cinema nas pÃginas lustrosas da Vejinha-Rio.

Chega um momento na vida em que comeÃsamos a querer reencontrar as pessoas com quem convivemos no passado. Pode ser qualquer pessoa. O porteiro de um prÃdio em que vocÃa morou, o jornaleiro da banca onde vocÃa sempre comprava jornal, os atendentes do bar que vocÃa frequentou. Com os amigos que cruzaram seu caminho entÃo nem se fala. Procurei vÃrios amigos que nÃo via hÃ sÃculos. Alguns, compreensivelmente, jÃ estavam em outra frequÃncia e nÃo queriam nem lembrar de nada. Estavam a bem da verdade pagando para esquecer tudo. Outros, como o RogÃrio Durst, pelo contrÃrio, ficaram interessados em tambÃm conversar. Ele tinha entÃo saÃdo da Vejinha-Rio. Por e-mail, me informava com o humor caracterÃstico: â??levei um pÃ na bunda da vejinha (agora sob nova gerÃncia) e ando bastante desempregado desde entÃo. o mercado estÃ uma bosta entÃo estou em casa, costurando pra fora quando pinta alguma coisa, o q Ã um pÃnosaco.â?• Preparava um livro sobre cinema. Para poder usufruir do prazer da convivÃncia com o Durst, sugeri, e ele aceitou, que organizÃssemos algumas palestras sobre cinema no centro cultural Midrash no inÃcio de 2011. Adorei as palestras, mas confesso que nÃo achei o RogÃrio bem. Como sÃ tinha contato com ele e nÃo conhecia ninguÃm da famÃlia, ainda que ele contasse muito sobre sua vida caseira e comentasse o carinho especial pela enteada (que tratava como filha), resolvi comentar com alguns amigos comuns sobre a minha preocupaÃÃo. A vida seguiu e continuamos trocando e-mails vez ou outra. Em setembro do ano passado estava indo ao cinema quando encontrei por acaso com o Durst saindo de um botequim na praia de Botafogo. Sua extrema magreza me assustou mas ele tambÃm me achou magro demais e a conversa fluiu bem. Me contou entÃo que estava ajudando um dos filhos de Luiz Carlos Prestes a redigir uma biografia ou autobiografia, nÃo lembro ao certo. Acabei chegando atrasado ao cinema. Achei ainda assim que tÃnhamos conversado pouco. Seria nosso Ãltimo encontro. Nunca mais veria aquele amigo vivo.

Category

1. Elizabeth Wester
2. RogÃrio Durst

Date Created
2015/05/10

Author
kikopedrosa

default watermark